

Arte dos baleiros ainda resiste nos Açores

Manuel Alves Gonçalves, natural do Pico, mantém viva uma arte que nasceu da secular actividade da caça à baleia no arquipélago açoriano. Os objectos em que trabalha são feitos a partir dos dentes da baleia e do osso do maxilar inferior. Sobre o risco de extinção da actividade, Manuel Gonçalves deixa o aviso: «é fundamental que esta arte, o Scrimshaw continue viva».

Ana Clara | quarta-feira, 20 de Janeiro de 2010

Manuel Alves Gonçalves, natural da ilha do Pico, Açores, promove há 26 anos a arte que mantém viva uma das memórias fruto da secular actividade da caça à baleia no arquipélago. Hoje já não se caça o cachalote. Resiste, contudo, a arte do «**Scrimshaw**», a gravação em dente de cachalote e osso do maxilar inferior, a baixo-relevo. Uma actividade que cria trabalhos de minúcia não deixando morrer uma tradição que faz da arte um aproveitar da matéria-prima disponível.



São séculos de história os que a presença dos baleiros nas águas dos Açores contam. Desde o final do século XVIII as lides no mar com olhos postos no cachalote e captura da espécie constituíram um grande pólo de actividade e importante fonte de riqueza.

Manuel Gonçalves, ex-bancário, detém uma microempresa, a Casa de Exposições «Capitão Alves», que faz directamente venda ao público. À conversa com o **Café Portugal**, este açoriano de gema, refere que um dos seus principais objectivos «é continuar a divulgar através da sua arte aquilo que foi a grande actividade dos baleiros nos Açores», mais centralizada na Ilha do Pico, na vila baleeira das **Lajes do Pico**.

Manuel é artista, mas também um homem com opinião formada sobre a história e implicações sociais e económicas da caça ao grande cetáceo. Recorda que a captura da baleia acabou em 1987 e lembra: «nem foi preciso lei para pôr termo à caça. Quando a legislação que regulamenta a caça à baleia entrou em vigor, apesar de ter começado na I Convenção de Washington, em 1941, ela só se torna efectiva com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia. Nessa altura, já as fábricas haviam cessado actividade e já tinha acabado a caça».

Os materiais com os quais Manuel Gonçalves trabalha, o osso e o dente, são aqueles que a indústria rejeitava. «Na indústria era tudo aproveitado, excepto o maxilar inferior e os dentes (que eram o troféu do baleeiro). Trabalho apenas com esses materiais», adianta. Ladeando a mesa de trabalho, um expositor faz

mostra do labor e paciência de muitas horas. Nos dentes, amarelecidos, grandes, pesados, nascem figuras com uma minúcia de bisturi. No marfim cabem paisagens, rostos. Cabe, o mar, o Pico.

Manuel acrescenta à conversa um novo tópico. Actualmente produz mais objectos por encomenda e para comemorações, aniversários e eventos. Frisa, contudo, que se esta arte se vier a extinguir, «não será por falta de material, já que há mais de dois séculos que as pessoas foram guardando os dentes de baleia».

Por fim, Manuel Gonçalves sublinha que «é fundamental que esta arte continue viva» já que «isto é história». «Os Açores não são só presente; têm uma história e isto faz parte dela».

